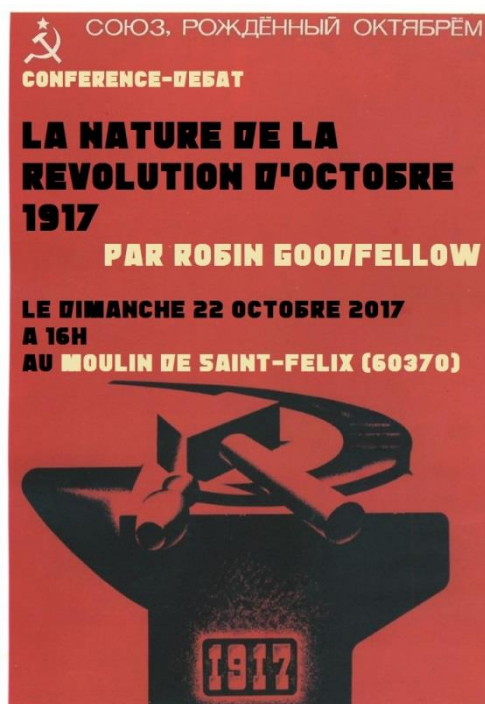


A natureza da revolução de outubro de 1917

Conferência de 22 de outubro de 2017



Data	Outubro de 2017
Autor	Robin Goodfellow
Versão	V 1.0

SUMÁRIO

SUMÁRIO	2
1. ADVERTÊNCIA.....	3
2. APRESENTAÇÃO	4
3. CONTEXTO HISTÓRICO	8
4. FEVEREIRO: A REVOLUÇÃO.....	11
5. ABRIL: O RETORNO DE LENIN E AS JORNADAS DE ABRIL.....	13
6. JUNHO, O FIM DO “CURSO PACÍFICO” DA REVOLUÇÃO	15
7. JULHO, REPETIÇÃO E REPRESSÃO	17
8. AGOSTO, O EPISÓDIO KORNILOV	19
9. OUTUBRO, A TOMADA DO PODER	21
10. CONCLUSÃO.....	25

1. Advertência

O texto que apresentamos aqui serviu de trama para uma conferência sobre “A natureza da revolução de outubro de 1917”, ocorrida no Moulin de Saint-Félix (Oise – França), organizada por jovens camaradas.

Apesar de estar redigido, deve-se manter em mente de que se trata de um apoio a uma comunicação *oral*, de aproximadamente uma hora e meia. Não se poderia, portanto, pretender fornecer um estudo exaustivo da revolução russa, como dizemos no início do texto propriamente dito. Limitamo-nos à sequência fevereiro-outubro, privilegiando a análise em termos das relações das classes e das forças políticas, tendo a caracterização da revolução de outubro como a questão principal.

Nesse contexto, certos fatos relatados são necessariamente lapidares.

Apoiamo-nos em um trabalho em andamento, muito mais detalhado, sobre o curso da revolução russa, que deverá ser publicado no início de 2018 no quadro da reedição ampliada de nosso texto de 2011: *O curso histórico da revolução proletária*.

2. Apresentação

Começaremos por nos apresentar. Robin Goodfellow é o pseudônimo coletivo de um pequeno grupo de militantes comunistas, marxistas, que trabalha há mais de 40 anos por meio da publicação de textos e de intervenções nos meios militantes para a defesa intransigente do programa marxista. Tiramos esse nome de um célebre discurso de Marx em 1856 dirigido aos operários ingleses e que concluía: “Dentre os signos que desconcertam a burguesia, a aristocracia e os piores profetas da desgraça, reconhecemos nosso bravo amigo Robin Goodfellow, a velha toupeira que pode rapidamente trabalhar sob a terra o digno pioneiro - a revolução.” Robin Goodfellow é um personagem do folclore inglês que representa o espírito malicioso, o espírito travesso. Shakespeare, que Marx lia bastante, coloca-o em cena com Puck, o duende do “sonho de uma noite de verão”.

Entre nossos trabalhos em andamento figura a edição de uma obra que será dedicada ao ciclo das revoluções e contrarrevoluções, retomando em parte textos já publicados, mas ampliados com uma grande parte dedicada à revolução russa de 1917. O que apresentaremos aqui é uma visão inicial desses trabalhos.

Para terminar rapidamente esta apresentação e fazer a transição para nosso tema, esclarecemos que nossa filiação política e teórica inscreve-se na das oposições de esquerda no interior da Terceira Internacional que emergiram nos anos 1920, especialmente a Esquerda Comunista da Itália, mas desde 40 anos privilegiamos o “retorno a Marx”. O que propomos para hoje é uma análise da revolução de outubro a partir dos conceitos marxistas.

As correntes que acabamos de lembrar detectaram e analisaram bem cedo as derivas da revolução, e identificaram um caminho não para o “socialismo”, mas para o desenvolvimento do modo de produção capitalista, embora a partir de premissas que não eram necessariamente corretas. Este é o caso, por exemplo, na própria Rússia da oposição operária (Myasnikov...), no estrangeiro da esquerda Germano-Holandesa dita “conselhistas” (Otto Rühle, Herman Görter, Anton Pannekoek); a esquerda italiana (Amadeo Bordiga), que citamos, fará um diagnóstico final mais tardio. Quanto à oposição de esquerda russa (Trotsky), ela jamais renunciou a ver na URSS um “estado operário degenerado” a ser defendido em nome do socialismo.

Ora, lembremos – mas teremos ocasião de voltar aqui – que Lenin nunca pretendeu que pudesse haver o menor traço de socialismo na Rússia na ausência de uma revolução internacional e, em primeiro lugar, da revolução na Alemanha, cujo sucesso teria permitido deslocar o epicentro da vaga revolucionária deste imenso país atrasado que era a Rússia, para um país centro-europeu industrializado, com um imenso proletariado e uma longa tradição social-democrata. A vaga que vai de 1917 a 1919 é também a da revolução alemã, da revolução na Hungria, na Áustria, na Finlândia, das greves e ocupações de fábrica na Itália, dos movimentos operários na Europa, mas também na América do Sul (Argentina, Brasil...)

A derrota da revolução alemã de 1919, o assassinato de Rosa de Luxemburgo e de Karl Liebknecht, o concerto de uma Santa Aliança das potências ocidentais contra a Rússia, a guerra civil, as imensas dificuldades econômicas, comprometeram de imediato as chances da revolução russa, cuja degenerescência se acentua na primeira metade dos anos 1920 até resultar na contrarrevolução que constitui o reconhecimento oficial (em 1926) da possibilidade do “socialismo em um só país”.

Nesta introdução iremos necessariamente depressa e de maneira concisa, para dar tempo à exposição de fundo, mas é indispensável lembrar aqui que o socialismo, para os marxistas, não é a nacionalização nem a direção da economia pelo Estado, é a abolição da economia mercantil, do salariado, do dinheiro, é a extinção do Estado. Toda revolução proletária que não toma medidas convergindo para este sentido (mesmo se o objetivo não pode ser realizado de um dia para o outro) elimina toda chance de sucesso. Ora, as condições objetivas na Rússia – novamente ainda fora de um movimento mundial – não estavam reunidas para isso e é ao desenvolvimento do capitalismo, a uma acumulação brutal do capital, rápida, extensiva, que assistimos a partir do final dos anos 1920.

Por conseguinte, a caracterização da URSS como área de acumulação capitalista, do papel da burocracia, não como uma nova classe (tese defendida na França, por exemplo, pelo grupo “Socialismo ou Barbárie”), mas como um agente histórico do desenvolvimento capitalista e preâmbulo de uma futura burguesia, coloca retrospectivamente a questão da natureza da revolução que aconteceu em outubro, um debate que agitou bastante os círculos marxistas até a dissolução da URSS. Ela perdeu em seguida algo de sua acuidade com essa dissolução, que pôde aparecer então como a confirmação da análise histórica: o desnudamento pleno e inteiro da natureza capitalista da sociedade dita “soviética”. Mas isso permanece sendo uma questão teórica importante e uma questão viva, mesmo se a colocamos hoje na ocasião de um centenário. Centenário do qual não há razão para se festejar, porque significa que depois de 100 anos o proletariado mundial coletivamente fracassou em derrubar o capitalismo. Como dizia Amadeo Bordiga:

“Na Rússia, a fase revolucionária estava madura para que se impusessem no curto prazo forças novas e se desagregassem formas mortas; no exterior da Rússia, na Europa, a situação era falsamente revolucionária e o alinhamento das forças não foi decisivo, a incerteza e a versatilidade das atitudes foi um efeito e não uma causa da deflexão da curva histórica do potencial de classe.

Se houve erro, e se for sensato falar de erros de homens e políticos, ele não consiste no fato de haver perdido ônibus históricos que era possível pegar, mas de ter compreendido que se estava, na luta na Rússia, na presença da situação suprema, de ter acreditado, na Europa, que se poderia substituí-la ilusoriamente por hábeis manobras, de não poder ter tido, da parte do movimento, a força de dizer que o ônibus do poder proletário no Ocidente não havia passado e, portanto, que era uma mentira anunciar a chegada daquele da economia socialista na Rússia. Para nós a história não é feita pelos Heróis, mas tampouco pelos Traidores.” (Bordiga, *Estrutura econômica e social da Rússia de hoje*)

A questão é viva e guarda todo seu valor político: qual foi a natureza da revolução na Rússia? Se a caracterização de fevereiro como revolução burguesa não levanta nenhuma dúvida, foi outubro simplesmente a finalização desta revolução burguesa (tese dos conselhistas e da esquerda germano-holandesa), uma revolução proletária que realizou as tarefas burguesas, uma revolução socialista...?

Esta é uma questão política importante, pois com ela julga-se a validade da análise marxista e, mesmo se o mundo de hoje tem pouco a ver, em seus contornos e desenvolvimentos, com o de 1917, Outubro permanece, com a Comuna de Paris, um dos raros exemplos que demonstram a capacidade da classe proletária a tomar o poder contra todas as representações burguesas e democráticas coligadas para estrangulá-lo. Lembremo-nos da palavra de Rosa de Luxemburgo: “Eles ousaram”. No 72º dia da revolução, conta-se que Lenin ensaiou um passo de dança, pois o exercício do poder proletário na Rússia ultrapassava então em duração o que havia durado a Comuna de Paris.

A Rússia foi, desde o final do século 19, e ainda com Marx vivo (morto em 1883) que se correspondia com os populistas russos, um dos países do mundo onde a influência do marxismo mais se fez sentir, com os dirigentes do movimento operário (o que não era o caso, por exemplo, na Inglaterra) dispondo de uma sólida cultura marxista. Eles tinham portanto, não “esquemas”, mas digamos “esboços” fortemente inspirados nas análises que Marx e Engels haviam desenvolvido a partir das experiências revolucionárias precedentes: a já citada Comuna de Paris sobre a questão do Estado, mas também os episódios de 1848 na Europa sobre a questão das relações de classe e da dinâmica da revolução.

Um texto que seguiremos nesta análise da natureza da revolução russa é a “Mensagem do comitê central da Liga dos Comunistas” de 1850. Nesse texto fundamental, ainda bastante atual em muitos aspectos, Marx e Engels analisam a partir da derrota das revoluções de 1848, principalmente na Alemanha, os cenários possíveis para uma retomada revolucionária.

Marx e Engels em 1848, no momento em que ocorriam essas revoluções, consideram nos artigos da Nova Gazeta Renana que o papel dos comunistas, na ausência de uma esperada autonomização do proletariado, era de fazer valer o ponto de vista proletário sob a bandeira da democracia. Em 1850, na perspectiva de uma nova crise que relançaria a vaga revolucionária (levando em consideração os ensinamentos da contrarrevolução de 1848), Marx estima que o proletariado seria capaz de levar esta política de maneira autônoma e com total independência de classe. Em outras palavras, que ele seria capaz de NÃO MAIS se comportar como a extrema-esquerda da democracia. O texto mostra que uma revolução democrática, que se restringe a permanecer APENAS como uma revolução democrática, termina sempre se voltando contra o proletariado – o qual fornece as forças vivas da ação – e massacrando-o, desde quando ele pretende defender seus próprios interesses de classe, isto é, quando finalmente pretende acabar com o regime de exploração capitalista, cuja república democrática não é mais do que seu invólucro político. Lembremos que para Marx e Engels, a república democrática, o regime que permite o governo do conjunto da burguesia, é “o último terreno de luta” que o proletariado deve conquistar para conseguir levar uma luta de classe direta, frontal, contra esta mesma burguesia.

Na Alemanha, no desenrolar de uma tal revolução democrática, o proletariado deve conquistar sua autonomia para levar o mais longe possível a revolução, fazer pressão sobre os democratas para que eles tomem medidas que subvertam a organização social existente e irem mais além de suas proposições virando-as contra a propriedade privada, apelando à revolução internacional para prosseguir a revolução a fim de que o poder caia nas mãos do proletariado; a revolução deve ser permanente.

“Enquanto os pequeno-burgueses democráticos querem terminar rapidamente a revolução e depois de terem realizado pelo menos as reivindicações acima, é de nosso interesse e de nosso dever tornar a revolução permanente, até que todas as classes mais ou menos possuidoras tenham sido desalojadas do poder, que o proletariado tenha conquistado o poder e que, não apenas em um país, mas em todos os países reinantes do mundo, a associação dos proletários tenha feito bastante progresso para cessar nestes países a concorrência dos proletários e concentrar em suas mãos ao menos as forças produtivas decisivas. Não se trata para nós de transformar a propriedade privada, mas apenas de aniquilá-la; nem de mascarar os antagonismos de classes, mas de aboli-las; nem de melhorar a sociedade, mas de fundar uma nova.” (Marx e Engels, *Comunicado do comitê central da Liga dos Comunistas*, março de 1850)

Nessa perspectiva, o proletariado urbano faz aliança com o proletariado rural (operários agrícolas), enquanto a pequena-burguesia faz aliança com o campesinato proprietário. A conclusão que Marx e o partido comunista da época tiraram da revolução de 1848 na Alemanha resume-se nos seguintes pontos:

- A burguesia é incapaz, politicamente, de assumir suas responsabilidades históricas e conduzir resolutamente uma verdadeira revolução democrática;
- Isto pela razão de que ela é estreitamente ligada às forças reacionárias e que, ao criar o terreno favorável à sua própria dominação política, ela teme abrir ao mesmo tempo um espaço que permita a expressão autônoma do proletariado;
- Por esta razão, ao mesmo tempo em que precisa da mobilização do proletariado para servir de massa de manobra eficaz contra a monarquia e os resíduos da sociedade feudal, ela se prepara para dar o golpe final desde ele der evidências de uma ação política autônoma;
- Nestas condições, considerando o fato de que a burguesia está fortemente ligada ao antigo regime para conduzir uma luta decidida e aberta, cabe, na Alemanha, à *pequena-burguesia* e às frações avançadas da burguesia democrática levar o combate político em vez da burguesia, mas esta pequena-burguesia que formava o *partido democrata*, uma vez conseguindo consolidar seu poder, se voltará contra o proletariado.

Marx conclui que o “grito de guerra” dos proletários deve ser; “a revolução em permanência”, isto é, que ele deve levar mais longe, superar as ações que serão empreendidas pela pequena-burguesia, até que o poder chegue ao proletariado e não apenas nacionalmente, mas internacionalmente. No caso de a revolução (em 1850) atingir um limite na Alemanha, o proletariado deste país poderia contar com o proletariado francês, conclui a Mensagem.

Em qual medida esse cenário foi seguido no curso da revolução russa? A posição exposta por Lenin nas teses de abril é de fato muito próxima à de Marx em 1850.

Seguiremos Lenin bastante ao longo desta exposição. Ele é frequentemente apresentado pelos historiadores como um oportunista, um cata-vento que teria mudado várias vezes de opinião e de tática. Ao contrário, Lenin é um dogmático: ele procurar se “colar” ao máximo às posições de Marx e Engels, mesmo se ele não foi sempre um fiel continuador deles.

3. Contexto histórico

A revolução russa, sobre a qual foram escritas milhões de páginas não pode, evidentemente, ser resumida em uma hora e pouca de exposição. Mas, digamos aqui que se fosse preciso escolher uma obra entre todas, esta seria a *História da revolução russa* de Trotsky, o livro de um marxista, bom escritor e membro do partido vencedor, o que é raro, o livro de uma ator, de um testemunho.

Por isso é que escolhemos nos limitar ao ano de 1917 até outubro e privilegiamos um ângulo: a evolução dos próprios atores (as forças sociais, as correntes políticas...) e os papéis que eles foram obrigados a desempenhar na fornalha da revolução. Não trataremos aqui a questão das nacionalidades, por falta de tempo. Abordaremos o tema principalmente a partir de uma análise rigorosa dos escritos de Lenin do período.

Antes disso, lembremos bem brevemente o contexto histórico. A Rússia, já sacudida em 1905 por uma revolução que viu nascer uma nova forma de organização política, os soviets, era também uma fortaleza da contrarrevolução no Ocidente e os marxistas sempre relevaram a importância de uma revolução neste país. Salvo que, se seguirmos as lições de 1848 na Alemanha, estava claro que não era a burguesia, fraca no plano industrial e quase nula no plano político, que podia conduzi-la.

No plano social e político, as principais forças que vão se defrontar abertamente a partir de fevereiro são:

- A autocracia e as forças armadas (graduados de alta patente), a nobreza (grandes proprietários fundiários).
Estas são as primeiras vítimas da revolução de Fevereiro. São também candidatos a serem as forças de uma contrarrevolução restauradora, que nunca conseguirá realmente se realizar ao longo do ano de 1917, como veremos. Mas elas formarão o quadro das forças “brancas” na guerra civil. São representadas pelos partidos reacionários, como os Cem-Negros, mas uma parte colabora com a burguesia.
- A burguesia capitalista.
A burguesia liberal, que é representada pelo partido Cadete (constitucional-democrata) deseja reformas, a partir de uma atividade essencialmente parlamentar no quadro da Duma. Como foi dito, ela não está de modo algum pronta para encabeçar um movimento abertamente revolucionário.
- A pequena-burguesia.
Na Rússia, a classe intermediária constituída de pequenos empresários, desenvolvendo um tecido econômico capitalista denso como complemento das grandes empresas indústrias, é quase inexistente. Fora da burocracia nas cidades (funcionários) e comerciantes, o grosso da pequena-burguesia é rural. A pequena-burguesia urbana é pequena.
- O campesinato.
Além dos grandes proprietários fundiários (cerca de 30.000), é uma classe não homogênea, composta de milhões de camponeses pequenos proprietários depois das leis de Stolypine, mas sua maioria ainda vivendo nas terras compartilhadas da comuna rural (o *mir*). Esses camponeses podem ser divididos em camponeses ricos (*kulaks*) que podem empregar assalariados, camponeses médios e pobres. Porque os camponeses pobres são parcialmente assalariados, para Lenin eles são semiproletários. Enfim, no nível mais baixo dessa hierarquia

social e no mais alto das esperanças do partido de classe, figura o proletariado rural, os operários agrícolas.

A força política que representa a pequena-burguesia camponesa é representada pelos socialistas-revolucionários. Os bolcheviques tinham pouca influência no campo, mesmo no proletariado rural (minoritário) ou nos semiproletários.

As reformas de Stolypine, depois de 1906, desenvolveram um campesinato proprietário tentando desagregar a comuna rural, sem, no entanto, em nada resolver a questão da grande propriedade da terra. Uma reforma agrária profunda permaneceu a grande obra a ser realizada.

- Os soldados.
Em si mesma, não constituem uma classe social – a maioria tem origem camponesa, o que contribui imediatamente para ligar de maneira indissolúvel a questão da paz à da terra – mas, certamente, eles formam uma força social que vai desempenhar um papel preponderante nas mobilizações, principalmente através dos sovietes.
- O proletariado urbano.
Sabe-se que a indústria na Rússia era em certos aspectos bastante desenvolvida, mas muito concentrada. As usinas Putilov (siderurgia, armamento), por exemplo, empregavam 30.000 operários, mas o tecido das pequenas empresas era muito pouco desenvolvido. O partido operário social-democrata russo (POSDR), dividido desde 1903 em duas frações (mencheviques e bolcheviques), coloca-se como o partido do operariado, com ambas disputando a influência sobre o proletariado. A partir de fevereiro, Lenin classifica os mencheviques um aliado, ou mesmo um componente da pequena-burguesia.

Sabe-se que, na perspectiva marxista que é a de Lenin, entre todas essas forças sociais apenas uma única é capaz de levar a revolução democrática até o fim: o proletariado. Mas é também claro que, para Lenin, o proletariado é a única classe historicamente capaz de levar até o fim a revolução que derrubará o czarismo (portanto, um típico objetivo de uma revolução burguesa antimonarquista). Mas, uma vez atingido esse objetivo, uma vez o campo de batalha conquistado e desembaraçado ao máximo de todos os obstáculos, o proletariado, indo “além da revolução democrática” (Lenin), irá na direção de uma ditadura do proletariado que abrirá com o apoio do proletariado internacional o caminho do socialismo.

Lembremos aqui dois elementos fundamentais da posição política de Marx e Engels, mantida ao longo de todas as suas vidas: o primeiro é a necessidade para o proletariado de se constituir em partido político “distinto e oposto” a todos os outros partidos. Trata-se de um órgão de classe, que une ciência (teoria), consciência, vontade e instinto e, por isto, deve desempenhar um papel determinante na condução da revolução e no exercício do poder.

“Mas estamos de acordo sobre o fato de que o proletariado não pode conquistar o poder político sem revolução violenta, a única porta que abre para a nova sociedade. Para que no dia da decisão o proletariado esteja bastante forte para vencer e para isto, Marx e eu defendemos desde 1847, que é necessário que ele forme um partido autônomo, separado de todos os outros e oposto a todos eles, um partido de classe consciente.” (Engels, *Esboço da carta de 18 de dezembro de 1889 enviada a Gerson Trier*)

O segundo elemento fundamental para nosso tema é o fato de que, uma vez no poder, o proletariado deve exercer uma ditadura sobre as antigas classes dominantes. Dizia Engels, se vocês querem saber o que é a ditadura do proletariado olhem a Comuna de Paris. O termo faz referência à Roma antiga, a saber, a existência de um poder excepcional, não delimitado pela lei e de duração temporária.

“(…) o partido operário social-democrata alemão, precisamente porque é um partido operário, conduz necessariamente uma “política de classe”, a política da classe operária. Como todo partido político se esforça para conquistar o poder no Estado, o partido social-democrata alemão aspira necessariamente estabelecer seu poder, a dominação da classe operária, portanto uma “dominação de classe”. Além disso, todo partido verdadeiramente proletário, a começar pelos cartistas ingleses, sempre colocou como primeira condição a política de classe, a organização do proletariado em um partido político independente e, como primeiro objetivo de luta, a ditadura do proletariado. Müllberger, taxando isso de “ridículo”, coloca-se fora do movimento proletário e no interior do socialismo pequeno-burguês.” (Engels, *Sobre a questão da moradia*, 1872)

Ora, considerando a situação atrasada na Rússia, não se pode vislumbrar imediatamente uma revolução socialista cuja primeira etapa seria a ditadura do proletariado. Por isso é que, antes da revolução, Lenin (principalmente no texto de 1905: *Dois táticas da social-democracia na revolução democrática*) defende a palavra de ordem de “ditadura democrática do proletariado e do campesinato”. Assim, ele manifesta o caráter burguês, ainda não socialista, dessa revolução.

O que significa aqui “ditadura democrática”? Não é uma contradição nos termos? O adjetivo democrático não designa formas do exercício do poder, mas um conteúdo. Está-se ainda no quadro de uma revolução democrática implicando uma outra classe além do proletariado: o campesinato. Trata-se de realizar o programa mínimo da social-democracia: a república democrática, a liberdade política máxima para que o proletariado possa se organizar, destruir os vestígios de antigo regime, do feudalismo, separar a Igreja do Estado, obter o armamento do proletariado, nacionalizar a terra, etc.

Ora, esse objetivo, que era o do partido bolchevique ANTES da revolução, é julgado por Lenin como superado depois de fevereiro. Ele o julga superado, pois considera que ele foi de certa maneira realizado. É uma palavra de ordem que “envelheceu”.

Contrariamente às previsões, o governo provisório emergido da revolução de fevereiro não é um governo operário e camponês, menos ainda um governo operário, mas um governo puramente burguês. Não há nada a esperar dele e é preciso, ao contrário, combatê-lo. A aparição da nova forma política, os soviets, mudou a situação: a luta pelo poder não se fará no interior do governo provisório, mas no interior dos soviets que, “em certa medida e até certo ponto”, diz Lenin, realizaram esta ditadura democrática do proletariado e do campesinato.

É preciso então lutar, doravante, no interior dos soviets para que aí se possa afirmar nitidamente a posição autônoma do proletariado, que ele possa aí se diferenciar das outras classes, fazendo aliança, não mais com o conjunto do campesinato, mas com o campesinato pobre (semiproletários) e, certamente, o proletariado rural.

Donde a inflexão da palavra de ordem que se torna “ditadura do proletariado e do campesinato pobre”, ou ainda “ditadura do proletariado e do semiproletariado”. Não se trata ainda de tomar medidas socialistas, mas medidas de transição para o socialismo na espera da revolução internacional que a revolução russa não deixaria de iniciar. É toda essa relação entre as classes que forma a dinâmica da revolução e que iremos ver em seis datas-chaves.

4. Fevereiro: a revolução

É preciso destacar que a revolução de fevereiro de 1917 teve uma amplitude histórica considerável. Retrospectivamente, tem-se muitas vezes a tendência de minimizá-la diante de outubro que teria aberto um verdadeiro novo curso. Entretanto, derrubando o czarismo, esta monarquia de direito divino, a revolução de fevereiro destruiu um regime social, político e religioso milenar e desmantelou a dinastia secular dos Romanov. Quando se diz “a revolução de fevereiro”, é preciso entender: o proletariado e os soldados porque, como se sabe e como na Alemanha em 1848, a burguesia por si mesma era incapaz disto. Em fevereiro começa uma mutação muito profunda da sociedade russa em todos os terrenos. No campo, abre-se em março, com um pouco de retardo, um ciclo de lutas espontâneas contra os proprietários fundiários que irão até às expropriações. Nas cidades, com a conquista de uma só vez de todas as liberdades políticas, Lenin dirá da Rússia dessa época que ela era “o Estado mais livre do mundo”. O movimento operário obtém diretamente conquistas importantes como a jornada de oito horas e cria comitês de fábricas que intervêm no funcionamento das empresas.

No esquema seguido pelos mencheviques, essa abertura para a implantação de uma república burguesa deveria ter constituído um resultado, que seria seguido, após um longo desenvolvimento econômico (capitalista) e a criação de um proletariado moderno, pela abertura de uma perspectiva de revolução socialista.

Para os bolcheviques, ao contrário, ela não era mais do que o começo. O que aparecia claramente é que a burguesia não satisfaria as aspirações das massas tais como a paz, a terra e a liberdade, e que nestas condições cabia ao proletariado levar esta luta, assumindo, portanto, as tarefas correspondentes ao acabamento dessa revolução burguesa. Mas, era também possível que o ciclo revolucionário burguês fosse fechado, que a pequena-burguesia não se desprenderia da burguesia e, neste caso, o proletariado devia também adquirir sua autonomia e conduzir uma política independente, a fim de arrancar a pequena-burguesia da influência da burguesia e encabeçar uma luta pelo socialismo. Tanto num caso, como no outro, a extensão para um caráter socialista dependia, reforçemos mais uma vez, do advento de uma revolução socialista na Europa e, principalmente, na Alemanha.

Como em 1905, apareceu uma forma política específica: os sovietes, que se manifestam em todos os níveis (desde comitês de bairro e de fábrica agrupados em sovietes, até agrupamentos territoriais mais amplos, como o soviete de Petrogrado). Seu conteúdo de classe é bem definido: eles são sovietes de operários e soldados. De seu lado, o governo provisório representa a burguesia. Uma personalidade como Kerensky representa nele uma caução “socialista”; ele é simultaneamente vice-presidente do soviete de Petrogrado. O governo provisório segue uma política burguesa e imperialista, continuando a sustentar o esforço de guerra e a manter o *status quo* quanto à reforma agrária e o regime político (não se proclama a república), na espera da reunião de uma Assembleia Constituinte, cuja convocação a burguesia deseja adiar.

A partir daí, todo o calendário de fevereiro a outubro será ritmado pelo enfrentamento para o controle do poder político entre o governo provisório e as forças revolucionárias – dentro e fora dos sovietes. Aqui, toda a questão vai ser (e neste ponto, mesmo entre os bolcheviques as posições estão longe de serem alinhadas) a de escolher o melhor momento para fazê-lo, considerando a evolução da situação em todas as frentes: militar, política, econômica, internacional. Globalmente, se quisermos resumir em grandes linhas, pode-se dizer que há uma corrida de velocidade entre uma contrarrevolução sempre em alerta (vinda principalmente dos estados-maiores das forças armadas, da alta-burguesia, do antigo regime) - que se organiza nos

bastidores desde o mês de março, faz uma primeira tentativa em abril, levanta a cabeça entre julho e agosto, que está prestes a varrer a democracia e o próprio governo provisório, as massas proletárias e camponesas que querem recolher os frutos de sua revolução - e o governo provisório que se inclina para uma contrarrevolução democrática, procurando administrar os dois extremos.

Os diferentes partidos políticos, enquanto representantes das diferentes classes ou suas frações, vão igualmente evoluir em função desta alternativa: contrarrevolução ou acabamento e superação da revolução burguesa. Como em toda revolução, tem-se uma dinâmica em que as forças presentes e as representações políticas das diferentes classes (partidos) se sucedem no poder e são evacuadas da cena histórica (cf. a Revolução francesa). A evolução das forças presentes empurra uns para a direita e a contrarrevolução (o partido cadete, os mencheviques, os SRs...), e os outros para a esquerda (bolcheviques, uma parte dos SRs e dos mencheviques... com os impacientes – esquerda dos bolcheviques, anarquistas). Trotsky resume perfeitamente esse movimento:

“Cada manifestação de massa, independentemente de seu objetivo direto, é um aviso para a direção. A admoestação é inicialmente moderada, mas torna-se em seguida cada vez mais dura. Em julho ela se torna uma ameaça. Em outubro é o desenlace.

Em todos os momentos críticos, as massas intervêm como “forças elementares”, obedecendo, em outras palavras, a suas próprias deduções de experiência política e a seus líderes não ainda reconhecidos oficialmente. Assimilando tais e tais elementos de agitação, espontaneamente as massas traduzem as deduções na linguagem da ação. Os bolcheviques, como partido, ainda não dirigiam a campanha para a jornada de oito horas. Os bolcheviques também não haviam convocado as massas para a manifestação de abril. Os bolcheviques também não convocaram as massas armadas a descerem às ruas no começo de julho. Foi somente em outubro que o partido definitivamente chegou a assumir a dianteira e marchou à frente da massa, não mais agora para uma manifestação, mas para a insurreição.” (Trotsky, *História da revolução russa, vol.1 – Fevereiro, cap. 17 - As jornadas de abril*)

5. Abril: o retorno de Lenin e as jornadas de abril

Desde seu retorno do exílio, Lenin estabelece o rumo nas famosas “Teses de abril” (7 de abril de 1917):

- O que há de original na situação atual na Rússia é a transição da primeira etapa da revolução, que deu o poder à burguesia por causa do grau insuficiente de consciência e de organização do proletariado, à sua segunda etapa, que deve dar o poder ao proletariado e às camadas pobres do campesinato.
- Essa transição é caracterizada, de um lado, por um máximo de possibilidades legais (a Rússia é hoje, de todos os países beligerantes, o mais livre do mundo); de outro, pela ausência de restrições exercidas sobre as massas e, enfim, pela confiança irracional das massas no governo dos capitalistas, os piores inimigos da paz e do socialismo.
- Nenhum apoio ao Governo provisório; demonstrar o caráter inteiramente mentiroso de todas suas promessas, principalmente as que dizem respeito à renúncia às anexações. Desmascará-las, no lugar de “exigir” – o que é inadmissível, pois é semear ilusões – que esse governo de capitalistas deixe de ser imperialista.
- Enquanto estivermos em minoria, dedicamo-nos a criticar e a explicar os erros cometidos, ao mesmo tempo em que afirmamos a necessidade da passagem de todo o poder aos Sovietes dos deputados operários, a fim de que as massas se liberem dos erros pela experiência.
- Não a uma república parlamentar – retornar aí depois dos Sovietes dos deputados operários seria um passo atrás -, mas uma república dos Sovietes de deputados operários, assalariados agrícolas e camponeses em todo o país, da base ao cume.
- Tomar a iniciativa da criação de uma Internacional revolucionária, de uma Internacional contra os social-chauvinistas e contra o “centro” (quer dizer, os kautskystas).

Entretanto, ainda aqui é crucial a questão do momento e, portanto, a da maturidade do fenômeno revolucionário.

Nas jornadas de abril é a questão da guerra que lança os soldados nas ruas contra o ministro das relações exteriores, Milyukov, que no início de abril confirma aos aliados que a Rússia continuará a guerra até a vitória final. As manifestações se desenrolam aos gritos de “Abaixo Milyukov” e “Abaixo o governo provisório”. Os bolcheviques não fazem mais do que seguir o movimento, enquanto a crise é a oportunidade para o partido burguês (Cadete) apelar às tropas legalistas para sufocar os protestos. Contra essa ameaça, os dirigentes do Soviete renovam sua confiança no governo provisório.

Nessa crise, Lenin opõe-se aos bolcheviques (ele condena abertamente as palavras de ordem para a derrubada do governo provisório, o que revela uma falha na organização dos bolcheviques), os quais haviam tomado precocemente um curso à esquerda com a palavra de ordem de derrubada do governo provisório. Ele estima que, enquanto a liberdade de organização, de imprensa, etc., for conservada e, enquanto não houver violência do governo contra o proletariado e a pequena-burguesia, deve-se pedir a calma, não se lançar em ações prematuras contra o governo provisório e prosseguir a política de conquista pacífica da maioria nos soviets, através da explicação, da propaganda, da crítica, da organização, tudo isto respeitando as ordens do Soviete.

No entanto, essas jornadas desestabilizaram o governo que conhece uma recomposição. Os socialistas que queriam permanecer minoritários obtêm 6 ministérios na nova coalizão. Em particular, Kerensky (socialista-revolucionário) deixa o ministério da Justiça e se torna ministro da Guerra. Tchernov (socialista-revolucionário) torna-se ministro da agricultura.

Lenin critica antecipadamente a impotência desse novo governo. Ele denuncia sua incapacidade de solucionar a questão agrária, mostrando que ele está atrasado com respeito às aspirações do campesinato. Este último quer a terra e, além disto, em vários lugares ele começou a confiscá-la a despeito das injunções do governo. Sob a torrente de belas palavras, Lenin não vê outra coisa senão a impotência de um governo de coalizão que deseja manter os privilégios das classes dominantes, especialmente a dos capitalistas, e prosseguir a guerra imperialista. Por conseguinte, a “crise é tão profunda, tão ramificada, tão universal, que a luta contra o Capital inevitavelmente deve tomar a forma da hegemonia do proletariado e dos semiproletários.” (Lenin, *Colaboração de classe com o capital ou luta de classe contra o capital?*; vol. 24)

6. Junho, o fim do “curso pacífico” da revolução

Os eventos de junho são uma nova ilustração do curso para a polarização.

Uma parte do estado-maior bolchevique apoia a manutenção de uma manifestação convocada pelos soldados esperando que os operários se juntassem a ela. Mas o soviete se opõe ao que ele assimila a um ato de força e a manifestação é finalmente cancelada. Alegando principalmente um risco contrarrevolucionário, o Birô do Comitê executivo do soviete ordenou o partido bolchevique a cancelar a manifestação e o congresso interditou qualquer demonstração durante três dias. Desse modo, ele fez um ato de autoridade que cabia ao governo. Os delegados do congresso dos sovietes, encarregados de impedir a manifestação, vão aos bairros, fábricas e casernas. Eles são aí muito mal recebidos e tomam consciência da aproximação crescente do estado de espírito do proletariado e dos soldados com o bolchevismo. Isso reforça, nos dirigentes do soviete, a ideia de um complô bolchevique e leva a democracia declarar o bolchevismo como traidor da revolução, o que supunha que se devia desarmar o proletariado e os soldados. Mas a democracia não tinha essa força. Procurando montar uma contramanifestação (no dia 18 de junho), esta se transforma finalmente em uma demonstração de força do bolchevismo. O governo de coalizão está desacreditado. No dia 19 de junho, uma grande manifestação organizada pelos cadetes permite às forças contrarrevolucionárias de se safarem. Surgem veleidades para desarmar os operários, reprimir a vanguarda e trazer a revolução para um curso “legal”.

A roda girou. Em abril, o governo burguês ameaçava desarmar os operários e calar o partido bolchevique. Em junho é a mesma coisa, mas da parte de uma coalizão que abrange o partido democrata que, imediatamente, se revela como um auxiliar da burguesia. Doravante a luta atinge tal grau de intensidade que, sob a bandeira da democracia revolucionária, encontram-se a burguesia e seus aliados imperialistas contra o proletariado. Os partidários do partido democrata são os únicos a conseguir entender o que a burguesia deseja: prosseguir a guerra imperialista, manter a propriedade fundiária, sustentar a existência da classe capitalista por intermédio dos impostos.

No dia 18 de junho, Lenin considera que o curso pacífico da revolução está terminado.

Lenin vê nesse episódio uma reviravolta na queda de braço estabelecida entre as forças conservadoras e a revolução. O desafio atrás disso é construir efetivamente a relação de forças, a partir da qual os bolcheviques poderão ir mais além e lançar efetivamente a fase proletária da revolução.

A manifestação de 10 de junho tinha como objetivo forçar a ruptura da democracia revolucionária com a burguesia, afastando os dez ministros capitalistas que dominam o governo de coalizão. Isso significaria um deslocamento do poder para a pequena-burguesia – através de um governo pequeno-burguês sem participação do proletariado – e os sovietes que ainda não tinham sido dominados pelo partido bolchevique, mas pela democracia pequeno-burguesa. Isso significava que era preciso continuar a levar uma luta pacífica no interior dos sovietes pelo poder: é sempre a ideia de que a república dos sovietes é mais democrática do que a república parlamentar burguesa.

Lembremos aqui que os sovietes de nada valem se eles não assumem a forma de um Estado-comuna e, deste ponto de vista, os bolcheviques lutarão para que a representação no interior deles seja mais democrática (por exemplo, o modo de eleição dos delegados). Não há fetichismo da forma “soviete”, diz Lenin. A palavra de ordem “todo o poder aos sovietes” não vale mais se

eles são dominados por uma pequena-burguesia que seria contrarrevolucionária. Nesse caso, as condições da luta pacífica não estariam atendidas e se iria para o confronto.

A hipótese de todo o poder aos soviets, julgada como pouco provável por Lenin depois de Fevereiro, é mesmo assim traduzida em palavra de ordem pelo partido bolchevique e não há a menor dúvida de que ela correspondia à vontade das classes que sustentavam a revolução.

Pode-se deduzir que Lenin matizou sua posição ao admitir tanto um poder dos soviets que não estava sob a direção do partido bolchevique, como uma maior probabilidade quanto à existência de um governo pequeno-burguês autônomo. De toda maneira, o partido bolchevique fez pressão sobre a pequena-burguesia para que ela tomasse o poder; não é mais a reivindicação pura e simples da derrubada do governo provisório, mas sua radicalização no quadro de um poder soviético.

7. Julho, repetição e repressão

Novamente, por iniciativa dos soldados e, portanto, essencialmente da pequena-burguesia, mais impacientes, ameaçadas pela perspectiva de serem enviadas para a frente de batalha e dispostas de armas, é lançada uma nova manifestação armada que visava fazer com que o poder passasse para as mãos do soviete. O proletariado se juntou com entusiasmo a esse movimento, apesar das tentativas do partido bolchevique de acalmar os ânimos. Mas, tanto os anarquistas como a ala esquerda do partido bolchevique, forçavam o confronto. Na véspera, os ministros cadetes informados igualmente das primeiras derrotas da ofensiva de junho, haviam pedido demissão sob o pretexto de um desacordo sobre a política ucraniana do governo. O interesse da coalização aparecia cada vez mais reduzido aos olhos dos manifestantes.

A maioria do partido bolchevique pensava, salvo sua ala esquerda que militava por uma insurreição, que ainda era muito cedo para a tomada do poder pelos soviets. Se a manifestação pacífica cancelada de junho foi qualificada como complô pelas forças da democracia, o que não seria de uma nova manifestação armada? Não podendo impedir a manifestação, o partido bolchevique se junta a ela sob a pressão das classes mobilizadas a fim de tentar enquadrá-la e dar-lhe um caráter pacífico. Ocorrem confrontos na noite de 3 de julho em Petrogrado. Os conciliadores esperam a chegada das tropas da frente de batalha para reestabelecer a ordem. Não podendo impedir a manifestação de 4 de julho, o partido bolchevique resolve organizá-la, permanecendo na expectativa da evolução dos acontecimentos.

A consequência será um refluxo do movimento. O comitê executivo dos soviets mobiliza tropas favoráveis ao soviete e ao governo provisório, e lança uma campanha de calúnia contra os bolcheviques. Eles são acusados de serem agentes a soldo da Alemanha, o que produz um certo eco nos diversos setores da classe operária e das forças armadas.

A criação de uma relação de forças favorável e a versatilidade da pequena-burguesia permitem, desse modo, aos dirigentes do soviete e ao governo de retomarem as rédeas da situação.

No entanto, as fricções no interior do governo quanto às acusações anti-bolcheviques provocam a demissão do ministro da Justiça, Pereverzev, que não hesitou em se empenhar em fazer acusações sem provas sérias. Lança-se então uma forte repressão contra os bolcheviques, dirigentes (Trotsky, Kamenev, ...) são presos, Lenin e Zinoviev passam para a clandestinidade, a sede do jornal Pravda é saqueada, a sede do partido é atacada... Operários ou militantes são alvo de agressões em seus bairros ou em suas fábricas. Nessas circunstâncias, emerge não apenas a contrarrevolução, mas também as forças aliadas ao regime. Dissolvem-se regimentos, expedem-se soldados para a frente de batalha onde a pena de morte é restabelecida, tenta-se desarmar os operários...

De seu lado, Kerensky, depois de ter ameaçado pedir demissão consegue, depois de duas semanas, formar um novo governo de coalizão que conta com 8 ministros socialistas e 7 liberais. Ele acumula aí as funções de primeiro ministro e de ministro da guerra e da marinha.

Lenin pensa que a contrarrevolução (os cadetes, o Estado-maior, as forças do antigo regime, ...) assumiu o poder do Estado. A contrarrevolução fez a junção com a classe dos proprietários fundiários. Consequentemente, forma-se uma frente comum contrarrevolucionária entre os capitalistas e proprietários fundiários. A pequena-burguesia, suas personagens, seus partidos, seus soviets aderem de fato à essa frente. Assim o “desenvolvimento pacífico” da revolução está

definitivamente terminado e a palavra de ordem de “todo o poder ao soviete” não tem, **neste determinado momento**, mais validade.

Lenin não coloca em xeque a necessidade de um poder soviético em geral, mas os sovietes atuais que passaram para o lado da contrarrevolução. Outros deverão renascer para estarem na base do Estado.

A contrarrevolução burguesa triunfou e, qualquer que seja o grau de autonomia da pequena-burguesia, isto constitui o fato essencial.

A perspectiva de um poder proletário conquistado pela força e sustentado pelo semiproletariado é, portanto, afirmado com a única via doravante possível. A polarização dos antagonismos chegou então a um ponto sem retorno. O proletariado não deve por isso, por espírito de vingança, se voltar contra a pequena-burguesia, mas mostrar-lhe que somente a vitória do proletariado poderá lhe dar satisfação.

No entanto, em julho a contrarrevolução não vai até o fim. Faltam-lhe energia e vontade às suas forças. Se o partido bolchevique e seus militantes devem bater em retirada, vítimas da repressão, ela não é de uma intensidade tal que ameace o curso ascendente do bolchevismo que prosseguirá até outubro e, principalmente, depois do episódio de Kornilov.

As questões da guerra e da terra permanecem pendentes, e os bolcheviques recuperam um capital de simpatia na medida em que são os únicos a manterem estas palavras de ordem. Ao mesmo tempo, Lenin leva sempre em consideração o programa dos socialistas-revolucionários, ao mesmo tempo em que afirma que apenas um poder proletário será capaz de dar satisfação ao campesinato.

8. Agosto, o episódio Kornilov

As aspirações do movimento dos soldados e do proletariado iam na direção de um governo inteiramente composto de socialistas mais os representantes da democracia, sempre fiéis à ideia de uma coalizão com a burguesia, não foram assim tão longe. Entretanto, uma fração dos socialistas revolucionários e outra dos mencheviques mostraram-se doravante abertas à ideia de um poder dos soviets. A polarização dos antagonismos entre burguesia e pequena-burguesia aumentou um pouco, com uma parte do poder deslocando-se para a direita, enquanto os soviets ainda exerciam um poder que é maior quando as decisões dos dirigentes estão em fase com as aspirações da massa. Os dois poderes se temem, mas ainda precisam um do outro.

Na escalada das contradições entre as diferentes forças, Kerensky continuava fazendo o traço de união entre os conciliadores e a burguesia, com a qual compartilhava as visões sobre as questões essenciais. Ele desejava implantar uma política visando reestabelecer a ordem burguesa apoiando-se, caso necessário, em um Cavaignac (o general republicano de 1848).

Kerensky foi o sustentáculo de uma contrarrevolução democrática quando a alta burguesia, os proprietários fundiários, os representantes dos aliados se voltaram para a solução de uma contrarrevolução baseada em uma ditadura militar dirigida pelo general Kornilov, empossado como chefe do estado-maior das forças armadas.

Em julho, Kerensky não pôde ir até o fim da repressão contra os bolcheviques; ele também não irá até o fim da contrarrevolução preparada pela burguesia. Em fevereiro, Kerensky, vice-presidente do soviete, era a caução democrática, o escudo da burguesia. Em julho, ele tornou-se o baluarte, o representante de sua ala mais avançada, republicana e democrática.

Para a burguesia, o regime republicano e democrático era muito instável e, portanto, perigoso; não se tratava de modo algum de uma solução viável. Ela queria então outra saída para governar a Rússia. Para ela, o governo se mostrava incapaz de trazer a sociedade para o quadro de um sistema parlamentar desembaraçado dos soviets e que pudesse prosseguir a guerra segundo o acordo com os aliados. A burguesia, e com ela todas as forças do antigo regime, estava prestes a sacrificar a democracia que se revelava uma caixa de pandora.

No fundo, Kerensky e Kornilov estavam de acordo: prosseguir a guerra imperialista, reestabelecer a disciplina nas forças armadas, enquadrar o papel dos comitês e dos comissários, extinguir os soviets,... Mas eles divergiam nas modalidades desta contrarrevolução, na apreciação das relações de força e no grau de impaciência para realizar esse programa. Parece que durante um bom tempo, Kornilov se contentou em ser o Cavaignac potencial do governo provisório. Mas, ao mesmo tempo, boa parte das forças contrarrevolucionárias da burguesia e do antigo regime foi tomada pela impaciência, enquanto a situação que se desagregava em todas as frentes (militar, campesinato, abastecimento, lutas operárias,...) soprava-lhe no ouvido que o governo estaria muito fraco e dividido para agir resolutamente e que era preciso que ele, Kornilov, se tornasse um Bonaparte. É verdade que muitos preparativos, sejam os de um Cavaignac ou de um Bonaparte, eram os mesmos. Kerensky desconfiou de Kornilov assim que ele foi nomeado. Mas uma ruptura com ele teria significado uma ruptura com a burguesia.

A aventura de Kornilov terminou em um fiasco. O campo burguês não teve a energia necessária para atacar de frente a revolução e, do lado de Kerensky, de assestar um golpe fatal nos bolcheviques.

Ao longo da mobilização contra Kornilov, na qual eles eram parte integrante, os bolcheviques, ao defender a democracia, ganham uma ascensão suplementar no interior das massas nos organismos de defesa da revolução. Efetivamente, um dos efeitos perversos (para a burguesia) da aventura de Kornilov é o de ter restabelecido um crédito imenso aos bolcheviques, que aparecem como a única força capaz de realizar as promessas da revolução. Tanto no plano do reforço do partido, como no peso eleitoral no soviete de Petrogrado, a situação evolui em favor dos bolcheviques durante os meses de setembro e outubro.

O caminho do poder está aberto.

9. Outubro, a tomada do poder

Como dissemos, o fio vermelho, o *leitmotiv* de Lenin era a ação autônoma e independente do proletariado. No início de setembro, logo após a ação comum contra Kornilov, Lenin avalia que é agora possível um compromisso com a pequena-burguesia, caso ela se autonomizasse. Retoma-se, bem temporariamente, as palavras de ordem de junho. Mas, muito rapidamente neste início de setembro, apenas Lenin estima que essa janela havia fechado e que, doravante, abria-se um curso inelutável para a tomada do poder. Isso implicava uma luta no interior do partido bolchevique, que estava longe de ser monolítico sobre esta questão assim como sobre várias outras, para impor sua posição. Ele lança o apelo à insurreição antes mesmo da reunião do congresso dos Sovietes. A partir de então, o partido bolchevique é majoritário no soviete das duas capitais, enquanto que a luta das classes no campo atinge um paroxismo. A tomada do poder deveria liberar a dinâmica que havia sido iniciada. Além do mais, Lenin considera que a revolução internacional, principalmente na Alemanha, tinha começado e que a vitória do proletariado na Rússia abriria o caminho. De outro lado, ele teme que a burguesia deixe Petrogrado aos alemães e que seja assinada uma paz em separado que poderia alienar a vitória do proletariado.

A questão do calendário e do momento preciso é aqui ainda mais crucial. Depois de Marx, Lenin e Trotsky repetiam: “A insurreição é uma arte”.

Julguemos inicialmente a visão, veiculada mais frequentemente pelos historiadores burgueses quando não se trata de anarquistas ou de ultra-esquerdistas, da teoria do “putsch” ou complô. Pode-se ler sobre isso no libertário Victor Serge:

“Afirma-se ainda que a insurreição de 7 de novembro (25 de outubro, velho estilo, calendário juliano) de 1917 foi obra de uma minoria de conspiradores, o Partido bolchevique. Nada é mais contrário aos fatos verdadeiros. 1917 foi um ano assombroso de ação de massas, pela multiplicidade, variedade, potência, perseverança, das iniciativas populares cuja impulsão ergueu o bolchevismo. As agitações agrárias se estendiam por toda a Rússia. A insubordinação aniquilava a velha disciplina nas forças armadas. Cronstadt e a frota do Báltico tinham recusado categoricamente a obediência ao governo provisório e somente a intervenção de Trotsky junto ao Soviete da base naval é que evitou um conflito armado. O Soviete de Tachkent, no Turquestão, tomou o poder por sua própria conta... Kerensky ameaçou o Soviete de Kaluga com sua artilharia... Na região de Volga, um exército de 40.000 homens recusou a obediência. Nos subúrbios de Petrogrado e de Moscou, formavam-se guardas vermelhos operários. A guarnição de Petrogrado colocou-se às ordens do Soviete. Nos Sovietes, a maioria passava pacificamente e sem fraude dos socialistas moderados para os bolcheviques, do resto eles mesmos surpresos com esta mudança. Os socialistas moderados se afastavam de Kerensky. Ele só podia contar com os militares, que se tornaram totalmente impopulares. É por isso que a insurreição venceu em Petrogrado quase sem derramamento de sangue, no entusiasmo. (...) O “complô” bolchevique foi literalmente levado ao poder por uma vaga ascendente colossal.” (*Trinta anos depois da revolução russa*, 1947)

A historiografia estalinista fez de Outubro uma revolução socialista em oposição a Fevereiro, a revolução democrática burguesa. Por isso, minorou-se a importância do que se passou em fevereiro. Mas por vários ângulos, Outubro é a realização de Fevereiro. Lenin não se enganou. Para ele é Outubro que vai realizar o que ele chamou de ditadura democrática do proletariado e

do campesinato¹. Os primeiros discursos de Lenin são explícitos. A revolução é uma “revolução operária e camponesa” que implanta um “governo operário e camponês” provisório. Esta representação tornou-se oficial no decreto sobre a formação do governo operário e camponês que declara que “Para dirigir o país até a convocação da Assembleia Constituinte, será formado um governo provisório de operários e de camponeses que levará o nome de Conselho dos Comissários do povo”. Quanto ao Estado, ele é igualmente caracterizado como “Estado operário e camponês”. Lembremos que Marx e Engels raramente empregaram as fórmulas “Estado burguês” e “Estado operário”. Em geral, eles falam simplesmente “o Estado”. Não é que eles consideram que o Estado seja neutro, acima das classes. Mas, caracterizando-o raramente, eles mostram a qual ponto eles estão para a destruição do Estado e Engels invoca a necessidade de empregar a velha palavra francesa de “comuna” para caracterizar a nova forma política que será instaurada com a revolução proletária. Posto isto, Lenin publicará no final de agosto de 1917 “O Estado e a revolução”. Neste texto, ele se esforça em aplicar mais fielmente as análises de Marx e Engels, portanto, criticando as interpretações dos social-democratas.

O curso à esquerda da revolução permanente de Marx, que vê a democracia pequeno-burguesa chegar ao poder, só foi efetuado parcialmente. O peso da democracia no governo não parou de crescer, mas ela nunca rompeu com a burguesia e, em termos de programa, ela tinha tendência a aderir à burguesia. Isso se deveu à fraqueza tanto da burguesia como da pequena-burguesia russas. Essa fraqueza explica também a rapidez da evolução do processo revolucionário; de fevereiro a outubro, não se passou mais do que oito meses. Coube, portanto, ao proletariado cumprir o que a pequena-burguesia mostrou-se incapaz de realizar. Isso também passou por uma forma inédita de poder: o poder dos soviets. Se o partido bolchevique se apresentou como o partido do proletariado, sua política não foi por isto retilínea. Lenin e, em parte importante Trotsky, representam bem o ponto de vista do proletariado independente, mas a ala direita do partido, muitas vezes majoritária nos fatos, comportou-se todo o tempo como a extrema-esquerda da democracia, o que tendeu a fazer do partido bolchevique um partido híbrido e, indubitavelmente, ele não teria tomado o poder se ele tivesse sido assim. Em setembro de 1917, a ala esquerda do partido socialista-revolucionário separou-se para formar um partido independente, pequeno-burguês, que terá participação minoritária no ministério de agricultura no governo seguinte.

Para Lenin, a república democrática não valia tanto por suas instituições, mas pelo fato de que ela realizaria – e este é o objetivo da ditadura democrática do proletariado e do campesinato – o programa mínimo da social-democracia para, em seguida, em uma nova etapa que se abre a partir da conquista do poder, marchar para o socialismo com a ajuda da revolução mundial. Esta marcha seria tanto mais fácil quanto mais consequente fosse a revolução democrática.

Mas esse programa mínimo não é completamente aplicado. Na questão agrária os bolcheviques retomam explicitamente o programa dos socialistas-revolucionários. Reconhecendo abertamente que o programa implementado não é o que melhor lhes convém, ratificam o estado da luta das classes no campo retomando, com todas as reservas de uso, mas também legalizando-o, o

¹ “A palavra de ordem bolchevique [a ditadura democrática do proletariado e do campesinato – NDR] foi realizada efetivamente, não como uma ilusão semântica, mas como a maior realidade histórica. Mas ela se completou *depois do mês de outubro*, não antes. A guerra camponesa, para se usar uma expressão de Marx, sustentou a ditadura do proletariado. Graças a Outubro, a colaboração das duas classes foi obtida em uma escala gigantesca. Cada camponês ignorante sentiu e compreendeu então, mesmo sem os comentários de Lenin, que a palavra de ordem bolchevique se encarnava na vida. O próprio Lenin considerou esta revolução, a revolução de Outubro, na sua primeira etapa, com a verdadeira revolução democrática e, por conseguinte, como a verdadeira encarnação, embora modificada, da palavra de ordem estratégica do bolchevismo.” (Trotsky, *A revolução permanente – cap. 5: A “ditadura democrática” foi realizada entre nós? Como?*)

programa da “socialização da terra” (ao passo que os socialistas-revolucionários se contentavam em falar dele ou não ousaram aplicá-lo quando estavam no poder ou quando menos não se preparavam para traí-lo, enquanto o campesinato punha-o em prática ilegalmente antes de Outubro)

A terra não é nacionalizada como queria o programa bolchevique, mas entregue às mãos das autoridades locais para promover um “usufruto igualitário” da terra. Lenin era partidário de uma gestão coletiva pelo Estado, a partir do momento em que uma república democrática estivesse estabelecida, com a introdução de uma agricultura baseada em métodos modernos que não podem existir sobre a base do lote (cf. Tese 6 das Teses de Abril: “Transformação de todo grande domínio fundiário (de 100 a 300 hectares aproximadamente, segundo as condições locais e outras, sob a decisão dos organismos locais) em uma fazenda modelo posta sob o controle dos deputados dos assalariados agrícolas e funcionando por conta da coletividade.”)

Era também assim o programa de Marx e Engels na Mensagem ao Comitê Central da Liga dos Comunistas:

“Os operários devem se opor a esse plano no interesse do proletariado rural e em seu próprio interesse. Eles devem exigir que a propriedade feudal confiscada permaneça na condição de propriedade do Estado e seja transformada em colônias operárias, que serão cultivadas pelo proletariado rural associado com todas as vantagens da grande agricultura. Por conseguinte, no quadro das relações desequilibradas da propriedade burguesa, o princípio da propriedade comum adquirirá imediatamente uma base sólida. Assim como os democratas fazem aliança com os agricultores, os operários devem fazer aliança com o proletariado rural.”

No curso da revolução, a grande propriedade fundiária foi expropriada, mas, em geral, a diferenciação das classes no interior do campesinato ainda não tinha sido terminada. Não apenas a luta das classes entre o proletariado e a burguesia rural não tinha eclodido no campo, como também a revolução burguesa não tinha sido levada até o limite. Em sua grande maioria, os camponeses se contentaram com a distribuição das terras. A questão da forma da propriedade lhes importava menos do que o usufruto do qual podiam se beneficiar para alimentar suas famílias, e o papel do proletariado agrícola e do semiproletariado (camponeses em parte assalariados) não foi tão importante quanto esperado.

Com a tomada do poder em Outubro, é o partido bolchevique que herda as questões candentes que haviam minado a autoridade dos governos provisórios sucessivos e, em primeiro lugar, a questão da guerra e da reforma agrária, às quais se soma a questão das nacionalidades.

De fato, ele se encontra confrontado, como havia sido previsto, com a realização das tarefas burguesas que ainda não são socialistas, mas que são indispensáveis para varrer o terreno e criar as condições favoráveis para uma futura aplicação de medidas socialistas.

No que tange à guerra, esta questão se resolverá pelas negociações e o tratado de Brest-Litovsk em março de 1918, isto é, a conclusão de uma paz em separado com a Alemanha, que não estava no programa e selará a ruptura com os socialistas-revolucionários de esquerda, mas o prosseguimento de uma guerra revolucionária teria sem dúvida levado a tropa a se rebelar contra o novo poder. Não podia haver aí outra solução.

Se somarmos a isso a derrota da revolução alemã, o não envolvimento revolucionário dos proletários ocidentais, a catastrófica situação econômica interior, a guerra civil, a intervenção

estrangeira para estrangular a jovem Rússia revolucionária, a burocratização do Estado, tudo isto contribuía para isolar o partido proletário e permitir uma contrarrevolução que orientará a sociedade para um curso de desenvolvimento exclusivamente capitalista.

10. Conclusão

Não obstante, Outubro foi uma revolução proletária e mesmo socialista, no sentido de que ela fixou como objetivo a superação da fase democrática burguesa da revolução para instalar a ditadura do proletariado e desenvolver as CONDIÇÕES de uma passagem para o socialismo.

Nesse sentido é que a reivindicamos hoje como herança.

Entre as lições que podemos tirar de Outubro há a constatação de que a revolução democrática burguesa foi feita não apenas sem a burguesia, mas que, na sua dinâmica para a revolução proletária, volta-se contra ela.

De outro lado, a revolução democrática não pode se definir exclusivamente como uma revolução que implanta instituições democráticas burguesas (assembleia constituinte, parlamento,...), isto é, uma república democrática burguesa banal, uma república parlamentar; a experiência soviética abriu aqui novas perspectivas. Ao mesmo tempo, é a própria república soviética que vai ser o teatro da contrarrevolução; os soviets vão perder sua vitalidade, o Estado vai se burocratizar², etc., para desembocar em uma forma de bonapartismo que assegura o desenvolvimento do capitalismo.

A revolução russa converteu-se no fim das contas em revolução burguesa, cuja radicalidade, bem como a fraqueza da burguesia, permitiu um rápido desenvolvimento do modo de produção capitalista contra esta mesma burguesia. Trotsky e Bordiga sempre se recusaram a admitir que a burocracia fosse uma classe específica, uma nova classe. A Esquerda da Itália definiu-a como um apêndice da classe burguesa internacional encarregada da gestão do capitalismo russo. A sequência mostrou que a essa função juntou-se a de preparar o advento da burguesia.

Dissemos no início que a questão da natureza da revolução russa permanecia uma questão viva e que ela tinha uma grande importância política.

As correntes que criticavam o estalinismo e denunciavam a natureza capitalista da URSS deduziram também daí que a próxima revolução assumiria a feição de um confronto puro, direto, entre as duas classes antagônicas fundamentais: o proletariado e a burguesia, principalmente na Europa, onde o peso do campesinato não parou de diminuir ao longo de todo o século 20.

No entanto, uma próxima revolução não nascerá de pronto, com a reencarnação de um proletariado puro e imediatamente revolucionário. Ela será precedida de uma série de crises econômicas, políticas, institucionais, que colocarão em movimento todas as classes da sociedade e colocarão em primeiro plano alternativas políticas sucessivas, reformistas, colaboracionistas e excitarão forças reacionárias e contrarrevolucionárias. Nesse clima geral, o proletariado deverá, ainda e sempre, lutar seja para a conquista (como na China) ou para a ampliação da democracia, isto é, de seu último terreno de luta, para se constituir em partido político distinto, conquistar o poder político, destruir a máquina do Estado, instaurar a ditadura do proletariado e tomar as medidas mais ousadas para quebrar estas cadeias que são oariado, a economia mercantil, ... Tudo isso na maior independência e sem jamais deixar-se recrutar pelas forças que representam a democracia burguesa ou pequeno-burguesa.

² Não se deve fetichizar os soviets anteriores a Outubro. Eles estavam longe de serem modelos de democracia e vimos que em julho Lenin os considera mesmo como contrarrevolucionários.

Aí também será crucial a questão do momento. Aí também, e mais do que nunca, será primordial a internacionalização da revolução.

Donde a importância de ver ressurgir um novo partido internacional que será capaz, na tormenta, de indicar e de seguir um rumo.

Tudo isso, 100 anos depois, só pode nos convidar a prosseguir e aprofundar o estudo das lições de Outubro de 1917.